

BREVE DESCRIÇÃO DE ATENAS



Tendo ouvido os discursos dos Artolas e Cartolas, tão sublinhados por fitas de inauguração; tendo conhecido os distintos irmãos Arnozello, embaixadores das artes itinerantes; muito atento e venerador às diversas prosas de papel selado que floriam as secretarias de azul celestial - Paisaninho, burro-em-pé, decidi aprender formaturas pelo processo neogótico. Escolheu Atenas-a-Occidente por ser, para os devidos efeitos.

A LEGÍTIMA CIDADE DOS DOUTORES

Na data oportuna tomou o comboio-expresso mais audaz que encontrou nos horários e lá foi, pilotado por um maquinista aventureiro. Comeu e dormiu a bordo, viu campos, verdes campos, pouca-terra, pouca-terra, deixando para trás um rastro de fumo a apa-

gar-lhe o passado. Impante, escusado será dizer. Levado por uivos de corta-paisagem.

Mas antes de chegar aos altos infinitos donde os bachareis lhe acenavam com os seus canudos, Stop: houve que mudar de piloto num entroncamento. Depois de muitas negociações o maquinista errante deu lugar a um doutor em fato-macaco que se agarrou logo aos comandos, recitando Camões e Bernardim, e os cinquenta mais belos artigos do Código Civil. Assim chegou a

ATENAS! ATENAS-A-OCIDENTE!

de acordo com a saudação à guitarra de um tenor fardado que tinha como função receber os comboios no apeadeiro.

A cidade constava de dois parágrafos distintos: Atenas-A e Atenas-B. Estava, toda ela, sobrevoada por folhas de sebenta, papagaios de sabedoria que os estudantes lançavam ao vento lá na ponta das co-

linas. Recitavam-nas e lançavam-nas, recitavam-nas e lançavam-nas.

Paisaninho, já se vê, sentiu-se encantado com esta forma de decorar. Subiu por ruas apertadas e antigas, direito ao cume, à luz. Havia arcos de pedra e brasões a certas portas. Oratóriostambém: muitos. Ecuras. Curas, muitos curas.

Mulheres é que poucas, raríssimas. À falta delas, a cidade procurava animar-se com bandos de rapazes que brincavam ao vinho tinto e contavam anedotas de cio. Vestiam capas de luto e batinas iguais às dos padres, ou quase, embora fossem estudantes. O mais curioso é que, talvez por não terem mulheres ou por andarem cheios de medo dos professores, vingavam-se constantemente uns nos outros, rasgando capas à tesourada, rapando o cabelo aos mais fracos, fazendo trinta por uma linha. Nessas ocasiões

soltavam brados de guerra

«EFE-ERRE-A...FRÁ!»

«EFE-ERRE-E...FRÉ!»

«EFE-EFFE-I...FRI!»

procurando, assim, recordar as vogais.

Longe, nos jardins, os que não andavam de tesoura apontada, cantavam para chamar mulher. E, Jesus, era de arrepiar. Ouvia-se a guitarra: gemia tremidos, miudinha; ouvia-se a voz: tinha trinados de ave doméstica, toda mel e lua cheia.

As esquinas e aos portais Paisaninho era assaltado por comerciantes da mais variada espécie:

«PST. DOUTOR!»

chamavam eles, e nem percebiam que se estavam a dirigir a um burro em pé, queriam lá saber.

Assim, o alfarrabista anunciava nestes termos: Sebentas em estado novo, doutorzinho! Caveiras e peças anatômicas!

Batinas!, gritava um al-

faiate de fita métrica ao pescoço.

Doutor, cá está a Malvada! dizia o estalajadeiro, apontando a ardósia da ementa; enquanto que uma lavadeira, de trouxa de roupa à cabeça, arrastava um prego de estremecer as casas pela calçada acima: Ouuuu- ladouuuu... Venham à boa barrela, doutores!

Estes brados cresciam pela cidade, endoidecendo os habitantes.

Levado na onda de curas e aprendizes, saudado pelo comércio, envolvido pelo cheiro do azeite que ardia nos lampadários, Paisaninho Mosquitela atravessou becos e quelhas, penetrou no antepassado, no luto. A própria Sé estava terrível e sombria, carregada de séculos.

«EFE-ERRE...A! FRA!»

«EFE-ERRE-E...FRE!»

urravam, algures, os lavandeiros da tesoura ran-

côsa - e o Burro-em-Pé meteu o rabo entre as pernas e, depressa que faz tarde, continuou a marcha. Ia por passagens estreitíssimas, quase a pique e cheias de pessoas empuçadas, algumas com pastas e fitas de seda, como missais. Subiu, subiu, e neste andar deu de caras com um grande mosteiro ou coisa semelhante, visto que tinha sino na torre e claustros de pedra morena. Silêncio e ponto final: estava-se na Universidade, deduziu o nosso herói.

Empoleirados em altos cadeirais erguiam-se

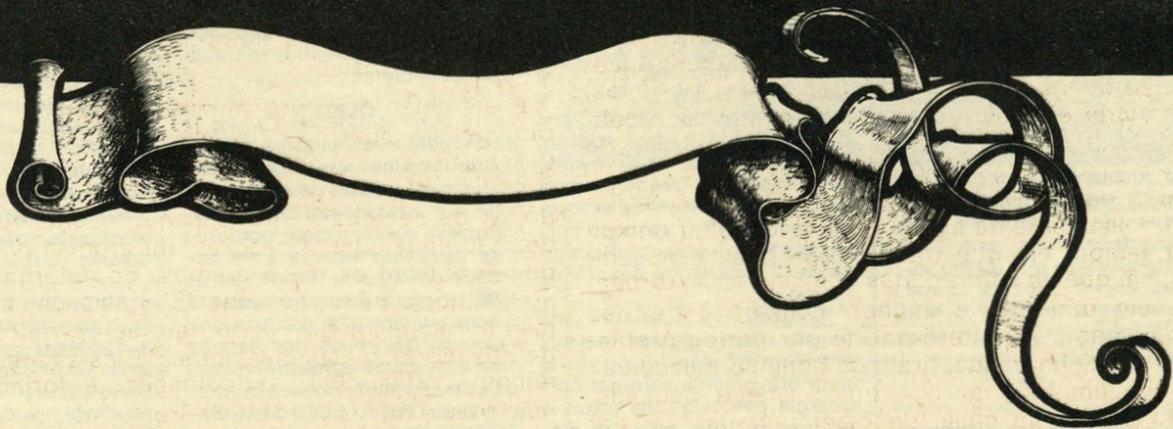
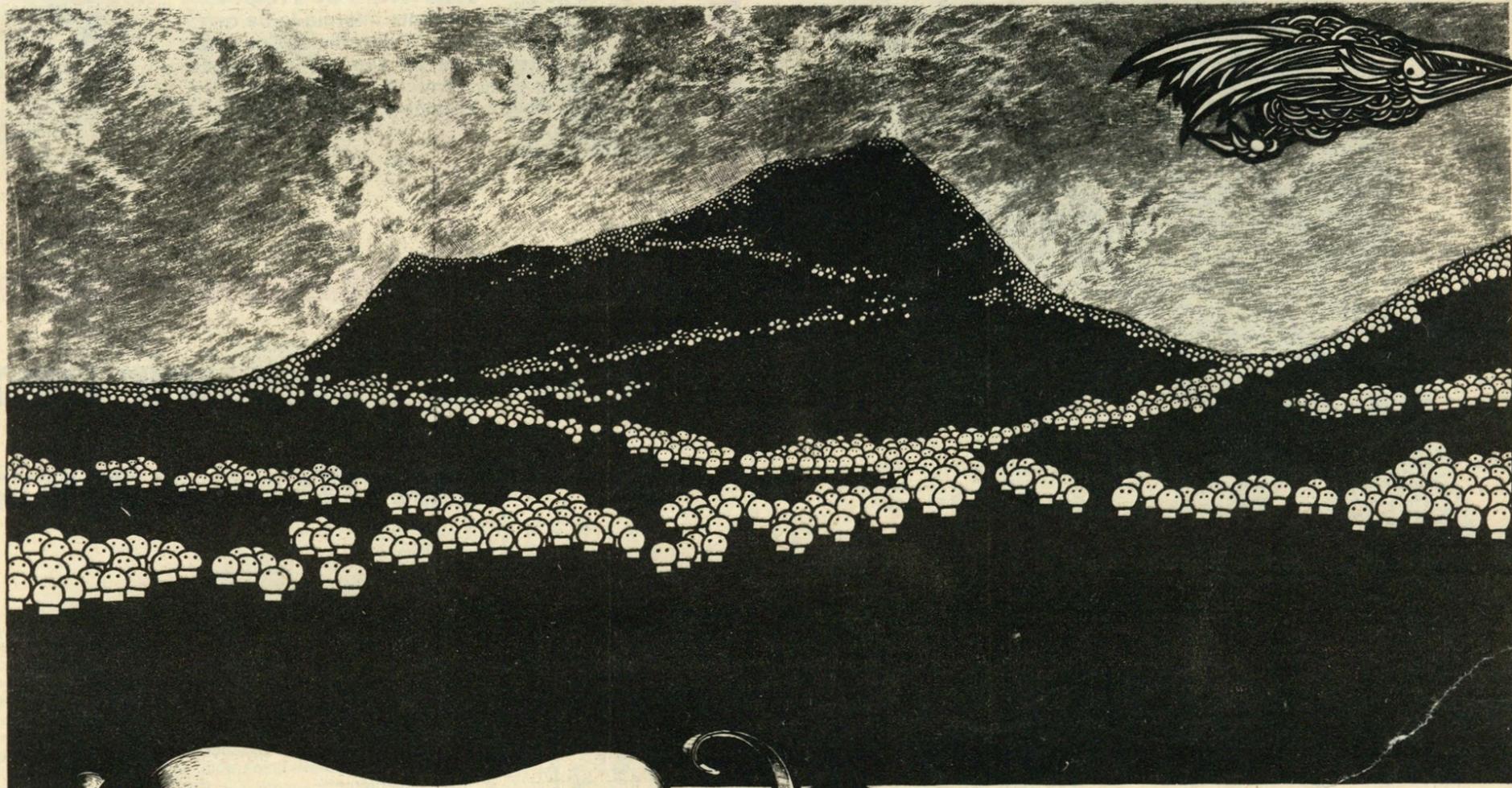
OS MESTRES

Olhavam-no com firmeza e pareciam perguntar:

«QUEM É ESTE?»

Sòmente não se lhes ouviu a mínima palavra, e nem era de esperar que se ouvisse porque aqueles mestres não diziam senão o que estava escrito nos livros antigos

Continua na pág. oito



O BURRO
~EM~PÉ .8

por José
Cardoso
Pires e
João Abel
Manta

BREVE DESCRIÇÃO DE ATENAS



Continuação da pagina três

e nunca se dignavam nomear pessoas ou factos que não tivessem sido nomeados por outros mestres (defuntos, de preferência) e com o devido respeito.

Vestiam paramentos negros e usavam estolas como as dos sumos sacerdotes, mais ou menos. Rostos rapados, cin-

zentos, olhos frios, olhos de muita vigília, alí estavam eles, bem no alto, como num friso de catedral. Cada qual empunhava seu bastão e á maneira de mitra tinha sobre os joelhos um chapéu conhecido por capelo que só cabe na cabeça dos muito sábios — não na de qualquer dos estudantes que circula-

vam aos pés deles, recitando a sebenta:

«PATATI... PATATÁ... NOVES FORA. NADA.»

«PATATI... PATATÁ... NOVES FORA. NADA.»

Diga-se ainda que naquella casa havia muito latim pelas portas, patati, e pelas paredes patatá e que se falava constantemente nos mortos.

«AD GLORIA MAIOREM».

Então, sem perder tempo, Paisaninho atirou-se aos livros para aprender uma maneira de fazer frases que o tornasse inteligente e lhe desse passaporte para circular no tu-cá-tu-lá com a Comarca. A praxe iria encarregar-se do resto quando lhe cortou o cabelo e o rabo.